

Emílio WILLEMS. *A Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2003. 184 páginas.

Cristiano W. Noberto Ramalho

Estudo publicado nos Estados Unidos pela editora da Universidade de Washington, em 1952, como resultado da pesquisa do antropólogo norte-americano Emilio Willems - que ocorreu no ano de 1947, na Ilha de Búzios (SP), junto à população local caiçara - só depois de 51 anos é editado no Brasil. Coube ao Nupaub (Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras), da USP, e à editora Hucitec essa valiosa tarefa de lançar, em novembro de 2003, enquanto parte da coleção *Ecologia e Cultura*, este clássico sobre populações tradicionais em nosso País.

O livro *A Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil*, feito em colaboração com a renomada professora e antropóloga da USP Giocanda Mussolini, além de seu valor histórico, possui inúmeras qualidades que merecem ser ressaltadas, principalmente a originalidade que o autor emprega ao tão criticado Estudos de Comunidades, conferindo a este método de abordagem uma visão não estática dos fenômenos socioculturais, fato comum a esse tipo de pesquisa.

No livro, a vida dos caiçaras de Búzios é percebida em sua interação com a cidade, mostrando que a sociabilidade desses ilhéus formava-se a partir de contatos comerciais, migrações e visitas aos seus parentes que habitavam outras localidades. Ao entendê-los integrados a uma rede de relações mais amplas, Emilio Willems rompe, nesse período, com o debate que compreendia populações insulares e tradicionais, de um modo geral, como pessoas isoladas social, cultural e, sobretudo, economicamente. Ao fazer isso, este estudioso percebe que "as mudanças na ilha estão ligadas à integração de comunidades isoladas em grandes unidades ecológicas como Santos e o Rio de Janeiro" (p. 109). Nesse caso, a análise sobre a Ilha de Búzios "tornou-se um estudo sobre contato cultural" (p. 14), pois "esta comunidade, provavelmente, jamais tenha sido auto-suficiente" (p. 79). Então, a mudança social do modo de ser caiçara acabou sendo a temática essencial do livro, enquanto impacto resultante das influências urbanas.

A riqueza dos argumentos tecidos pelo antropólogo americano não fica por aí, pois traz à luz uma gama de elementos que vão ressurgir com muita força no atual debate da sociologia e antropologia mundiais. Em diversas passagens do livro, o autor fiisa a capacidade que os caiçaras tiveram em se apropriar, de acordo com seu sistema de valores, de aspectos vinculados à sociedade urbana, não os vendo como seres passivos e sem ação adaptativa frente às relações sociais mais amplas. Isso fica claro quando escreve:

Obviamente, a vida da comunidade de Búzios está mudando e formas tradicionais de música e danças tomaram-se, aos poucos e sem conflitos aparentes, obsoletas, enquanto músicas e danças "modernas" são adaptadas ao que se pode considerar o padrão estético local. Apesar da semelhança com a música dançante urbana brasileira, as apresentações da ilha devem ser entendidas como reinterpretações e adaptações aos moldes caiçaras (p. 159).

Em certa medida, o autor chega a antecipar o debate colocado com bastante ênfase, nesses últimos anos, pelo antropólogo Marshall Sahlins, referente à capacidade que povos tradicionais têm, em várias situações, de absorver valores globais de acordo com seu sistema sociocultural local.² Ou seja, de acordo com Emilio Willems, as mudanças sociais pressionadas de fora são compreendidas como fatores articulados pelos aspectos endógenos de ação sociocultural caiçara.

Mesmo estando inserido no modelo de Estudos de Comunidades, os caiçaras da Ilha de Búzios não vão ser abordados como grupo homogêneo. Na pesquisa de campo, a inferência empírica mostrou que o comportamento dos

² Julgo ser importante citar uma passagem de um dos textos de Sahlins, cujo conteúdo clareia o aspecto acima frisado: "[...] a volta às origens está acoplada a um desejo de manter e expandir o acesso às inovações técnicas, médicas e demais 'benefícios' materiais do sistema mundial. Os Inuit não querem abrir mão de seus *snowmobiles* [trens motorizados], nem os nativos de Fiji de seus motores de popa; mas querem utilizá-los para seus próprios fins, como, por exemplo, visitar os parentes. Eles querem englobar a ordem global em suas próprias ordens cosmológicas" (SAHLINS, Marshall. O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (parte II). *Revista Mana* - Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro : Museu Nacional, v. 3, n. 2, out., 1997.

moradores “de Búzios está longe de ser uniforme” (p. 180), devido, em grande medida, às relações comerciais, que acabaram alimentando “as diferenças sociais dentro da comunidade da ilha” (p. 78). Tais relações comerciais produziram comportamentos de individualização entre os caiçaras, gerando respostas distintas. Se por um lado, mesmo quando os contatos mercantis com o “mundo externo” tiveram a força de gerar - especificamente em favor daqueles que melhor se adaptaram a essa dinâmica - hierarquias econômicas entre os próprios moradores de Búzios, a partir de dívidas adquiridas junto aos vizinhos e parentes, esta situação se encontrava submetida aos laços tradicionais de reciprocidade, vizinhança e parentesco - posto que empréstimos eram dados sem juros e pouca pressão era “feita para recuperar débitos vencidos” (p. 107); por outro lado, o processo de individualização das relações sociais caiçaras levou ao fim alguns portadores de conhecimentos tradicionais e de práticas sobrenaturais de cura dos males do corpo e da alma, quebrando e fragmentando um modo de saber que era colocado à disposição da comunidade pelas benzedeiras. Assim, “não só não existem mais benzedeiras atualmente em Búzios como nenhuma outra técnica nova foi acrescentada ao conhecimento mágico tradicional com a finalidade de resolver novos problemas. Eles parecem preferir os tratamentos médicos modernos e os remédios farmacêuticos ao conhecimento antigo” (p. 154-155).

Além disso, atualmente, um tema que assumiu grande envergadura em trabalhos sobre agriculturas familiares, como a pluriatividade econômica, é bastante tocado nos capítulos referentes às *atividades econômicas* (cap. 8) e *fontes de renda* (cap. 9) dos caiçaras, particularmente a complementação entre o trabalho da pesca, da coleta de algas e da agricultura. Outras questões significativas, que ganharam dimensão importante no campo do desenvolvimento sustentável, como o uso comum dos recursos naturais, sistema de representações e saberes locais, modo de vida de populações insulares, são abordados pelo olhar antropológico de Willems como questões pertencentes à cultura caiçara e que precisavam ser entendidas enquanto tais. Nesse caso, o referido cientista social não acreditava, como ocorreu com vários estudos funcionalistas voltados a entender grupos tradicionais, que os caiçaras fossem um setor “desviante” em relação aos valores do mundo moderno, mas “modelo de uma subcultura distinta [...], geralmente característica dos caiçaras do litoral” (p. 119), que integrava, segundo o autor, uma cultura maior denominada de cabocla.

Tal elaboração possibilitou ao estudioso ingressar, embora que de maneira não rigorosa, em problemas voltados à alteridade, principalmente quando tece uma

reflexão acerca da moral do trabalho e a questão do ócio entre os caiçaras, como se percebe na valiosa passagem:

Não é certamente uma fraqueza física, nem "indolência", nem uma repugnância aos princípios de que o trabalho é inerentemente bom e de que todos deveriam trabalhar regularmente, que caracteriza o ilhéu, mas o fato de que esses princípios, que são considerados normais no mundo ocidental, jamais foram totalmente reconhecidos pelos caiçaras e outras sociedades crioulas do Brasil. Os caiçaras não acreditam que o trabalho seja inerentemente bom e que deveria ser feito regularmente como, por exemplo, 'de manhã à noite' [...]. O ócio deste tipo é normal na cultura caiçara e certamente não é sinônimo de preguiça. Um homem é considerado preguiçoso quando não consegue dar à sua família comida e roupas suficientes e quando ele a deixa abaixo do nível local aceito a esse respeito [...] Comparando o regime de trabalho dos ilhéus com o nosso podemos dizer que o primeiro não envolve necessariamente o gasto de um esforço, mas sim uma concentração irregular de esforços gastos (p.99).

Também antecipando, mesmo que de maneira ainda bastante preliminar, o debate desenvolvido pelo historiador E. P. Thompson sobre o tempo mercantil e o tempo natural', o antropólogo Emilie Willems faz uma interessante análise sobre o ritmo de trabalho dos caiçaras, que não era orientado pelo relógio, mas pelas vontades da natureza e os conhecimentos que esses homens tinham dela. Portanto, "nenhum ilhéu trabalha pelo relógio, mesmo quando existe um relógio, como é o caso de algumas casas. Todos os horários para a lavoura, pesca ou coleta baseiam-se nas variações astronômicas e meteorológicas" (p. 165), denunciando, desse modo, uma profunda cumplicidade entre essa população e os recursos naturais locais.

Cabe afirmar que elaborar as questões - como Willems realizou - nos termos discutidos ao longo deste texto pode parecer, hoje, algo extremamente óbvio, porém, em termos históricos, foi um aspecto profundamente inovador.

Todavia, apesar das diversas qualidades citadas, vale ressaltar que o livro *A Ilha de Búzios* também trás consigo contradições e ambivalências que estão presentes na abordagem efetivada pelo autor, mostrando, desse modo, alguns limites

3THOMPSON, E. P. Time work-discipline and industrial capitalism *Past and Present*, n. 38, p. 56-97, 1967.

para interpretar a cultura caiçara, principalmente em decorrência, a meu ver, das fragilidades inerentes aos Estudos de Comunidades e das problematizações existentes, na época, na área da antropologia e da sociologia. Nesse sentido, pode-se encontrar neste trabalho etnográfico o modo como as Ciências Sociais construiu seu olhar sobre os grupos camponeses e de pescadores, revelando-nos as possibilidades e impasses contidos na própria processualidade histórico-analítica desse campo de conhecimento, quando o mesmo buscava dar conta de seu 'objeto' de análise.

Contudo, essa questão não apaga o valor deste trabalho e o seu pioneirismo em abordar e discutir os temas já mencionados e que, atualmente, foram retomados pelas Ciências Sociais. Por isso tudo, o livro de Emílio Willems pode ser considerado um verdadeiro clássico dos estudos voltados para populações camponesas, de pescadores e caiçaras no Brasil.